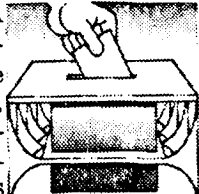


Brasil, escaldado, fica de olho no vice

Jânio renunciou, morreu Tancredo: torna-se importante a escolha do companheiro de chapa

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA — João Goulart, o vice de Jânio Quadros, assumiu a Presidência da República e dois anos e meio depois foi derrubado por um movimento militar. José Sarney, o vice de Tancredo Neves, assumiu e a "Nova República" ficou mais com cara de Arena do que de MDB. Ninguém esperava que Jânio renunciasse, como ninguém previa que Tancredo morresse antes de assumir. Escaldado, o País agora dá alguma importância ao cargo de vice-presidente da República e, praticamente definidos os candidatos a presidente, a escolha de seus companheiros de chapa é acompanhada com mais atenção.



Ulysses Guimarães, o único candidato oficialmente lançado, será o primeiro a ter seu vice formalizado por convenção, no sábado: Waldir Pires. Somente outros dois candidatos (ou virtuais candidatos, ou candidatos a candidato) já escolheram seus vices: o de Roberto Freire, do PCB, é o médico Sérgio Arouca e o de Guilherme Afif Domingos, do PL, é o professor mineiro Aluísio Pimenta, ex-ministro da Cultura. Ontem, o senador Itamar Franco filiou-se ao PRN para ser o vice de Fernando Collor.

Os demais terão, a partir de amanhã, o leque de opções mais reduzido. Segundo a Constituição, os prefeitos e governadores que quiserem se candidatar têm de deixar seus cargos até seis meses antes das eleições. Assim, governadores e prefeitos que não renunciarem até amanhã não podem mais ser lançados como vice. O projeto de lei que regulamenta a eleição, em tramitação no Congresso, estabelece o mesmo prazo para que os ministros se desincompatibilizem. E a lei determina que os

candidatos estejam filiados nos partidos políticos também seis meses antes das eleições.

O vice do PDT, por exemplo, só pode ser alguém filiado ao PDT ou a partido que se coligue com o PDT. E não pode ser um prefeito, governador ou ministro que permaneça no cargo. Por isso, Jânio não tem mais como contar com o ministro Íris Rezende em sua chapa. Íris não vai deixar o ministério e é do PMDB, que não vai se coligar com o PSD de Jânio. O governador Tasso Jereissatti, do Ceará, pelos mesmos motivos pode ser riscado da lista dos tucanos de Mário Covas.

Mas, a busca continua e os vices são considerados o ponto de equilíbrio da chapa. Se o candidato a presidente é velho, o vice deve ser mais jovem — e vice-versa. Se um é paulista, o outro tem de ser do Rio, de Minas ou do Nordeste. Dois empresários ou dois sindicalistas na mesma chapa não dá. Um presidente mais à esquerda precisa de um vice mais à direita e a recíproca é verdadeira.